

IDENTIDADES EM INTERAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM E-MAILS DE UM GRUPO ONLINE

Cinara Monteiro Cortez (PUC-Rio)
cinaracortez@hotmail.com

1. Introdução

O presente trabalho foca as estratégias de construção, reconstrução e negociação de identidades que emergem através de trocas linguísticas. Nesse sentido, a identidade é vista como um fenômeno social e cultural que é constituído nas interações dentro de contextos específicos tanto de nível macro quanto micro (BUCHOLTZ & HALL, 2003, 2005; GOFFMAN, 1979; GUMPERZ, 1982a; DE FINA, 2003, 2006; HANKS, 2008; MOITA LOPES, 2002). Essas inter-relações revelam uma noção de identidade que abrange diferentes conceituações teóricas e metodológicas, uma instância interdisciplinar que tem se constituído como ponto de interesse nas discussões recentes de diversas áreas de conhecimento que compreendam a linguagem, a cultura, a semiótica social, entre outros, como objetos de investigação e estudo.

Esse estudo objetiva investigar como as identidades (individuais, sociais e coletivas) são construídas e negociadas durante as interações linguísticas entre um grupo de discussão online formado por ex-alunos de uma escola técnica do Rio de Janeiro. A metodologia de pesquisa abordará as diferentes estratégias utilizadas durante o processo de interação nas construções identitárias (pessoais, sociais e coletivas), fundamentadas principalmente em um modelo de análise proposto por Bucholtz & Hall (2005), que abarcam cinco princípios conceituais e as Táticas de Intersubjetividade (BUCHOLTZ & HALL, 2003).

2. Fundamentos teóricos e metodológicos

Segundo De Fina (2006), o interesse interdisciplinar sobre o tema identidade tem crescido devido aos contatos intensificados entre diferentes comunidades. Para a autora, a existência do “outro”

problematiza os estudos acerca das construções identitárias, fundamentalmente sobre as questões de formação, negociação e desenvolvimentos das identidades.

Entretanto, a relação com o “outro”, o contexto sociocultural e a negociação de sentidos durante as trocas discursivas não são recentes nos estudos sobre linguagem, discurso e identidade.

Na tradição sociolinguística, Moita Lopes (2002) partilha a noção de construção (e reconstrução) identitária através da interação discursiva. Em sua opinião, a identidade de uma pessoa não é fixa e nem tampouco exterior à língua. As trocas discursivas, segundo o autor, contribuem para a constituição da(s) identidade(s) de um indivíduo em um processo construído na língua e através dela, e como a língua está em constante evolução, as identidades da língua interferem nas identidades do indivíduo.

Bucholtz & Hall (2003) acrescentam que os estudos sobre linguagem e identidade estão também fundamentalmente relacionados à tradição da antropologia linguística. Para as autoras, os estudos de antropologia linguística abordam não somente os tipos de discurso, mas os tipos de falantes que produzem e reproduzem identidades particulares através do uso da língua.

Observando a identidade como um fenômeno cultural, social e interacional, Bucholtz & Hall (2005) argumentam que sua conceitualização, por se tratar de uma questão complexa, não pode ser contida em uma única análise e, portanto, as diferentes teorias e metodologias que abordem o tema devem funcionar como complementares para um entendimento mais amplo de suas inter-relações nas diferentes áreas de conhecimento.

2.1. Linguística sociocultural: pressupostos metodológicos

O presente trabalho foca a questão da identidade como constituída na interação linguística e aborda noções inter-relacionadas das áreas sociais e de estudos de linguagem, especialmente os trabalhos de Bucholtz & Hall (2003; 2005) que estão inseridos, segundo as autoras, na área da Linguística Sociocultural.

Em *Identity and Interaction: a sociocultural linguistic approach*, Bucholtz & Hall (2005) apresentam um modelo para a análise das construções identitárias que compreende cinco princípios para investigação: emergência, posicionalidade, indexicalidade, relacionabilidade e parcialidade.

O primeiro princípio estabelece que a identidade é um produto emergente e não uma fonte pré-existente de práticas semióticas e linguísticas. Nesse sentido, a identidade é vista como um fenômeno cultural e social mais que um fenômeno primariamente psicológico e interno.

O princípio de posicionalidade postula que a identidade abrange três aspectos: categorias demográficas de nível macro, posições culturais etnográficas e locais, e papéis de participantes e posicionamentos específicos. Esse princípio compreende os papéis identitários como temporários e locais.

A indexicalidade trabalha com as relações que emergem na interação através dos processos de indexação, dessa forma, a identidade é entendida como produzida discursivamente. Tais processos compreendem menções públicas de rótulos e categorias identitárias, pressuposições e implicações que se referem às posições identitárias de si e de outros, orientações avaliativas e epistêmicas reveladas durante a interação discursiva (assim como os papéis de participantes e posicionamentos interacionais), e o uso de sistemas e estruturas linguísticas que estão ideologicamente associadas a outros.

O princípio de relacionabilidade identifica a identidade como construída intersubjetivamente através de várias relações complementares que frequentemente se sobrepõem. Essas relações podem ser de similaridade e diferença, genuinidade e artificialidade, e autenticidade e ilegitimação. A identidade é, portanto, um fenômeno relacional.

O quinto princípio, da parcialidade, afirma que qualquer construção de identidade pode ser deliberada e intencional, ou habitual e desse modo menos consciente, em parte produto da negociação e contestação interacional, também resultado das percepções e representações de outros, e em parte um efeito dos processos ideológicos e estruturas materiais que podem apresentar relevância para a intera-

ção. Esses aspectos, segundo as linguistas, estão constantemente mudando tanto no processo de desdobramento da interação quanto através dos contextos discursivos.

2.2. Metodologia de pesquisa

Considerar a identidade como constituída através das interações discursivas, como proposto nesse trabalho, requer pensar a língua localizada na vida social. Dessa forma, o estudo das construções identitárias que emergem dessas trocas linguísticas parte do princípio, segundo Coupland & Jaworski (1997), de que “todas as instâncias da linguagem em uso estão necessariamente situadas em algum contexto social específico¹”. (Tradução nossa).

O corpus selecionado para a análise nesse estudo é formado por e-mails do grupo Amigos do Visconde de Mauá, disponível em <http://groups.google.com.br/amigosmaua>. Trata-se de uma página online do grupo Google disponibilizada para formação de grupos de debates, fóruns online e estoque virtual de arquivos de diferentes formatos.

O grupo foi criado no intuito de promover o reencontro e a troca de e-mails entre ex-alunos do curso técnico em eletrônica da Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá, situada em Marechal Hermes, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Os sujeitos da pesquisa são, portanto, ex-alunos das turmas 2216, 2225 e 2234, dos anos de 1985, 1986 e 1987, respectivamente. O grupo é composto por 33 membros, todos ex-alunos de pelo menos uma das turmas citadas, e possui 24 membros masculinos e 9 membros femininos. Todos os membros do grupo possuem mais de 35 anos de idade e estão inseridos no mercado ativo de trabalho, em diferentes áreas de atuação.

Até o momento da pesquisa (julho de 2009) foi produzido um montante de cerca de 400 mensagens no fórum de discussão. A troca de mensagens iniciou-se em 28 de março de 2009 e continua. As mensagens estão arquivadas e disponibilizadas para os membros do grupo em página online e são enviadas em forma de e-mail direta-

¹ “[...] all instances of language in use are necessarily situated in some specific social context.” (COUPLAND & JAWORSKI, 1997, p. 69)

mente para cada um dos participantes. Os participantes do grupo podem optar por responderem cada uma das mensagens nos tópicos de cada discussão, enviando um e-mail para todo o grupo e, dessa forma, também para a página online ou enviar mensagens pessoais para um ou mais membros. Entretanto, a opção que se mostra mais adotada é o envio de e-mails para o todo o grupo.

Devido à limitação desse estudo, apenas 16 e-mails foram selecionados para compor o corpus de análise. Os e-mails estão distribuídos em três categorias temáticas de acordo com o conteúdo considerado relevante para a pesquisa, descritas na próxima seção. Contudo, serão selecionados apenas segmentos e/ou fragmentos dos e-mails que apresentem importância significativa para a interpretação dos dados, e a forma integral dos e-mails está disponível na página do grupo.

A metodologia de pesquisa adotada para o tratamento dos dados é de abordagem qualitativa interpretativa (DENZIN & LINCOLN, 2006). Os instrumentos para as práticas interpretativas são fundamentados, especialmente, no modelo de análise proposto por Bucholtz & Hall (2005) e pelas discussões sobre identidades individuais, sociais e coletivas apresentadas por Snow (2001).

3. Análise e interpretação dos dados

Como mencionado, os e-mails foram organizados em três categorias temáticas de acordo com o conteúdo principal de suas mensagens. Dentro de cada categoria espera-se observar as estratégias de construção, reconstrução, negociação e posicionamento das identidades que emergem durante a troca linguística.

As categorias nas quais os e-mails foram dispostos estão divididas nos seguintes grupos temáticos:

- Biográficos – e-mails nos quais os membros dos grupos relatam sua trajetória desde a formatura e se referem às imagens identitárias atuais e da época em que eram alunos.
- Identidades em conflito e relações de poder – e-mails que apresentam negociações de identidades do passado e atuais, e que evidenciam relações de poder entre os membros.

- Identidade de grupo – e-mails que sugerem posicionamentos dos membros enquanto um grupo.

3.1. E-mails biográficos

As primeiras mensagens enviadas pelos participantes do grupo fazem referências às identidades sociais atuais através de relatos embasados principalmente nos percursos profissionais desde a época em que eram estudantes da escola técnica. Desta forma, a maioria das informações parte do posicionamento de uma identidade social em comum em narrativas que descrevem as mudanças ao longo das trajetórias.

(1) Depois que me formei no Mauá, estagiei na Light S/A (como técnico em eletrônica), depois trabalhei como técnico de manutenção em Informática e hoje estou atuando como Analista de Suporte na LTC Editora S/A.

(2) Galera, estudei no Mauá até junho de 1986. Tranquei a matrícula pois fui para o Corpo de Fuzileiros Navais. Fiz curso de mecânico de Helicópteros em 1988 e fui promovido a Cabo. Neste ínterim, casei e arumei um filho, tinha eu 19 para 20 anos. Fiquei em São Pedro Dáldeia até 1997, foi quando me separei (um casal de filhos).

De acordo com Snow (2001), as identidades sociais são fundamentais para a interação, pois estabelecem pontos de orientação do “outro” como objeto social e os situam no espaço social. As identidades que emergem (BUCHOLTZ & HALL, 2005) nesses primeiros e-mails, como pode ser observado nos fragmentos acima, fazem menção a categorias sociais (técnico, analista de suporte, mecânico, militar) e parecem sugerir uma tentativa de estabelecimento das identidades atuais a partir daquelas existentes na época de estudantes. Nesse sentido, apresentam, de uma forma geral, um contraponto entre a identidade social partilhada “alunos do curso técnico de eletrônica, solteiros e profissionalmente inexperientes” para as formas identitárias atuais. Tais menções permitem uma ligação direta com o passado em comum e os relatos sugerem uma “evolução” social que fundamenta e revela as opções pessoais, criando as novas identidades sociais (fragmento 1: *aluno* → *estagiário* → *técnico de manutenção* → *Analista de Suporte*, fragmento 2: *aluno* → *fuzileiro naval* → *mecânico* → *cabo* → *pai de família*).

Essas formas de representação do self a partir de categorias sociais demonstram posicionamentos pessoais apoiados em identidades sociais relevantes (SNOW, 2001). Entretanto, as escolhas linguísticas, especialmente a informalidade e uso de gírias e expressões joviais, permitem indexar às antigas identidades, como no fragmento 2, no qual um dos membros (atualmente oficial da Marinha) se refere aos amigos usando o termo “galera”. Segundo Bucholtz & Hall (2005), é possível reconhecer as identidades como emergentes em casos em que o uso de linguagem dos falantes não está em conformidade com as categorias sociais às quais eles estão associados.

Conforme as primeiras interações se desenrolam, os e-mails seguintes passam a evidenciar identidades individuais, especialmente imagens identitárias antigas em oposição às atuais com menções a atributos e características (através de apelidos) que revelavam e ainda revelam a visão do “outro” em relação às identidades pessoais. As construções se sobrepõem umas as outras no contexto estabelecido pelas trocas, formando um moisaco representacional de si e do “outro” no desdobramento das interações. Os apelidos da época de estudantes servem, dessa forma, como recursos de indexação às antigas identidades:

(3) Lembro muito bem do Sandro “Gato Guerreiro”, Sandro “Esqueleto”, João “Chiclete”, Antônio “Baixinho”, Alexandre “Dooley”, Alexandre “Pagode”, André “Gaguinho”[...]

(4) Todos lembram o CDF que eu era... Já trabalhava com eletrônica desde criança...

(5) Ô André,

Vc Tá muito reativo... afinal vc curou sua gagueira? Se não é Gaguinho mesmo! Ops esqueci que agora é Dotô... Dr Gaguinho, então.

O fragmento 3 possibilita revelar a maneira como as identidades pessoais atuais são indexadas subjetivamente aos apelidos e, portanto às representações passadas (por exemplo, havia o Sandro “*Gato Guerreiro*” e o “*Esqueleto*”, apelidos relacionados a um desenho da época e associados a descrição física dos mencionados). Tais representações servirão como base de negociações e posicionamentos no desdobramento das futuras interações. O passado também vem à tona a partir de atributos referenciais, como é possível notar no fragmento 4. O próprio “autor” anuncia e assume uma forma identitária (“o

CDF que eu era”) compartilhada pelos membros de modo a construir e iniciar sua narrativa pessoal.

O fragmento 5, por sua vez, exemplifica essa sobreposição de identidades sociais e pessoais. Ao se reportar ao colega, um dos membros utiliza o apelido “Gaguinho” (esse membro era conhecido assim por apresentar problemas de dicção quando era aluno) e o incorpora à identidade social (anunciada em mensagem anterior): “*Do-tô*”, “*Dr. Gaguinho*”; já que o referido é agora médico fisioterapeuta.

Essas identidades, sociais, individuais, do passado e do presente estarão em constante negociação de aceite e rejeição na medida em que as interações vão se intensificando, revelando outras facetas das formas como as construções identitárias se desenvolvem.

3.2. Identidades em conflito e relações de poder

As mensagens posteriores abandonam a forma de relatos e assumem um tom mais conversacional. Desse modo, os embates e negociações identitárias começam a evidenciar posições atuais e papéis dos participantes em uma série de estratégias discursivas de aceitação e rejeição, similaridade e diferença, autenticidade e legitimação (BUCHOLTZ & HALL, 2005), entre outros aspectos. Tais embates revelam também posições ideológicas e de poder que ambientarão os conteúdos das mensagens.

Segundo Bucholtz & Hall (2005), a identidade é moldada de momento a momento durante a interação e emerge no discurso através de papéis e orientações temporárias que são assumidas pelos participantes.

As mensagens selecionadas para essa categoria temática correspondem a e-mails que movimentaram o grupo acerca de um desentendimento. Esse desentendimento partiu de um comentário de um dos membros do grupo em relação ao tom formal que, segundo ele, predominava na maioria dos e-mails. Para expor suas ideias, esse membro usou de linguagem e brincadeiras que foram julgadas como inapropriadas por outros membros. Essa discussão causou uma série de posicionamentos que são explorados, a seguir, a partir de alguns segmentos dos conteúdos das mensagens. Estratégias como adequa-

ção e distinção, performance e agência, ficam evidenciadas nesse processo.

(6) [...] tá faltando uma certa ‘pimenta’ no grupo.... parece que tá todo mundo pisando em ovos uns com os outros e deixando aquele velho lado moleque de lado.

[...] o resto do pessoal fica com medo até de escrever um ou outro palavrão como se alguém aqui dentro tivesse estudado num Colégio de Freiras e não na Visconde de Mauá.... não to entendendo isso.

A intenção desse membro do grupo é velada pelo conteúdo da mensagem em forma de crítica indireta aos outros membros que não partilham sua forma de expressão (“*ta faltando uma certa ‘pimenta’ (...)* parece que *ta todo mundo pisando em ovos (...)* o resto do pessoal fica com medo até de escrever um ou outro palavrão”). A expressão “velho lado moleque” serve como recurso indexical à identidade do passado, e como uma forma de construção identitária de grupo (alunos = moleques), corroborando um tom mais informal às mensagens. Entretanto, seu posicionamento é questionado imediatamente por outro membro gerando posicionamentos de cada participante deste contexto interacional.

(7) Concluindo, se o encontro for familiar, pode ser no BarraSul sem problemas. Eu, uma das Anas e nossos filhos iremos com certeza. Em caso contrário, iremos ao próximo.

P S Quanto aos palavrões, os acho desnecessários.

(8) Ainda bem que consegui fazer alguém se tocar da brincadeira.... claro que todo mundo aqui tem família e ninguém vai levar ‘meninas de vida dura’ ao encontro. [...] Os palavrões deixa que só eu falarei então, ta bom (risos)

O argumento usado pelo membro no fragmento 6 não é considerado adequado pelo membro do segundo fragmento (“*se o encontro for familiar*” “*quanto aos palavrões, os acho desnecessários*”). Nesse sentido, a identidade indexada ao passado é refutada e a posição identitária (fragmento 7) é estabelecida através da distinção (moleque x pai de família). As identidades pessoais aqui são estabelecidas, portanto, através da diferença: o segundo membro assume posição extrema, oposta às propostas do primeiro (“*se o encontro for familiar (...)* iremos (...) *Em caso contrário, iremos ao próximo*”). É importante observar que tanto o argumento quanto a linguagem são considerados inadequados e, segundo Bulchotz & Hall

(2003, 2005), estratégias de rejeição revelam posições ideológicas que corroboram relações de poder em nível macro associadas às interações locais.

Entretanto, a intenção é esclarecida na resposta ao segundo e-mail (fragmento 8: “*Ainda bem que consegui fazer alguém se tocar da brincadeira*”). É possível observar também que performance e agência são usadas como recurso para manter o posicionamento inicial: o membro dos fragmentos 6 e 8 mantém sua posição, autenticando no discurso o uso de sua linguagem como marca identitária (“*os palavrões deixa que só eu falarei então*”).

Em resposta aos e-mails, o criador do grupo assume uma posição que evidencia uma ordem hierárquica ainda não oficializada no grupo e relações de poder surgem dos embates discursivos.

(9) Não tem nada demais em se fomentar um papo não formal. Ainda mais com um grupo que se conhece há tanto tempo. Entretanto não vejo a menor necessidade de se baixar o nível de nossas conversas, seja por e-mail, seja pessoalmente. [...] Segura tua onda – aqui não é seu blog

(Não eu não sou evangélico, e nem tenho nada contra palavrões, apenas penso que tem hora pra tudo)

Ao criticar diretamente o membro que originou as discussões, o criador do grupo demonstra que tal identidade viola expectativas que, em sua opinião, formam um princípio de coesão do grupo (“*um grupo que se conhece há tanto tempo*” “*não vejo a menor necessidade de se baixar o nível*”). Aqui funcionam os processos de desnaturalização, através da “transgressão” das expectativas sociais (“*baixar o nível*”), e ilegitimação, pelo modo como a identidade foi censurada e rejeitada (“*Segura tua onda – aqui não é seu blog*”).

Associar o uso de linguagem “adequada” a crenças religiosas (fragmento 9), evidencia também questões ideológicas diretamente relacionadas a valores e atitudes morais (“*Não eu não sou evangélico*”, “*tem hora pra tudo*”). Tal posicionamento também exemplifica as relações de poder em jogo nas interações, autorizadas aqui pela posição de criador do grupo e que, portanto, assume o papel de moderador das discussões.

Essa crítica direta origina uma série de respostas de vários membros do grupo que se posicionam mais favoravelmente à liber-

dade de expressão. Contudo os posicionamentos adotados remontam frequentemente às identidades passadas, alguns mais ou menos positivamente que os outros. Há uma forte marcação das identidades atuais em confronto com aquelas do passado:

(10) É galera eu ainda continuo com a mesma cabeça daquela época (só que com bem poucos cabelos)

(11) Talvez esteja me confundindo com alguma pessoa mirrada e sem expressão que você conheceu há uns 25 anos e que costumava baixar a cabeça pra tudo. Sinto muito [...] aquele cara não existe mais.

Os membros se dividem em dois grupos principais: os que referenciam positivamente a imagem do passado (fragmento 10, “*eu ainda continuo com a mesma cabeça daquela época*”) e os que rejeitam essa imagem, criando uma nova forma identitária (fragmento 11, “*alguma pessoa mirrada e sem expressão que você conheceu*” “*Aquele cara não existe mais*”). É importante destacar que as construções emergem a partir de novos posicionamentos durante o desenrolar das interações.

O papel de poder, anunciado indiretamente pelo criador do grupo no início das discussões, também é contestado por outros participantes, e durante o desenrolar da interação, o próprio criador anuncia o abandono parcial dessa posição inicial:

(12)

Longe de mim cercar o direito de ninguém se expressar ou mesmo agir de forma antidemocrática [...]

Sou eu mesmo o criador e moderador deste grupo e não pretendo excluir ninguém [...]

No entanto, ainda é possível observar que ideologicamente as relações de poder ainda são estabelecidas através das categorias associadas à hierarquia de uma forma geral. As categorizações “*criador*” e “*moderador*” do grupo sugerem autenticar o poder de incluir ou excluir as pessoas das relações estabelecidas entre os participantes (como é possível notar no fragmento 12), muito embora, na situação corrente, o desconforto da posição adotada pelo membro permite um abrandamento desse poder para proteção de face (“*não pretendo excluir ninguém*”).

3.3. Identidade de grupo

As identidades sociais e pessoais que emergem durante as interações promovidas pelo contato virtual estabelecido pelo grupo Amigos do Visconde de Mauá, apresentam também uma noção de pertencimento a uma determinada coletividade ou, ao menos, uma ideia de grupo. Embora as tensões provocadas pelos embates discursivos sugiram construções através de posicionamentos muitas vezes focados em estratégias de diferenças, é possível perceber um senso compartilhado de, segundo *Snow* (2001), “*we-ness*”. De acordo com o autor, atributos reais ou imaginados constituem uma experiência do “nós” que diferencia o grupo de conjunto de “outros” (SNOW, 2001). Essa identidade partilhada possibilita uma ação coletiva de interesses comuns e também convida os participantes a tomarem parte de tais ações.

A princípio a ideia de “grupo” é moldada a partir das lembranças partilhadas dos membros em relação às antigas identidades ou uma identidade comum como “alunos do curso de eletrônica da Escola Estadual Visconde de Mauá” e mais restritamente às turmas 2216, 2224 e 2232.

Entretanto a ideia de uma noção de “nós” torna-se mais evidente na medida em que mensagens sobre incluir ou não alunos de outras turmas como participantes do grupo entra na pauta de discussões.

(13) A ideia de nossos encontros foi sempre manter nosso grupo unido [...]

Entretanto se a maioria concordar em expandir o Grupo para todos que conhecemos no Mauá [...] mas digo, foge ao nosso objetivo.

(14) Não sei, mas nosso grupo, todo mundo já tem uma “química”.

Eu também conheci uma galera que estava um ano na nossa frente [...], mas não é a mesma coisa...

(15) Penso que o grupo tem a ver apenas conosco e com o Colégio Mauá (nossas histórias).

A noção de grupo fica estabelecida em relação aos que fizeram parte das turmas mencionadas e, portanto os “outros” não fazem parte dessa seleção (“*nosso grupo*”). Os processos de identificação e pertencimento ao grupo assumem as noções de similaridade (alunos

de pelo menos uma das turmas mencionadas) e diferença (aqueles que não fizeram parte de nenhuma das turmas mencionadas). Outro ponto que estabelece o funcionamento do grupo e de sua “ideologia” diz respeito às práticas das mensagens. Fica decidido que o grupo online serve apenas para troca de e-mails sobre assuntos diretamente relacionados à escola/ex-alunos e não cabem mensagens de qualquer outro tipo ou assuntos que não se reportem a essa identidade de grupo (fragmento 15).

Essas estratégias delimitam e moldam a identidade em comum, ou de grupo, que se reporta a ideia de uma construção coletiva, pois define quem faz parte de grupo e porque, além de determinar as práticas das ações que são adequadas. O grupo, como uma entidade identitária, abarca as outras tantas identidades sem que o coletivo perca a essência do “nós” e possibilite a noção de pertencimento. O “Grupo” então emerge como mais uma forma de (re)construção de identidades de cada um dos indivíduos, contribuindo para os posicionamentos durante as interações. Analogamente, portanto, o processo que permite a ideia de grupo também é moldado e delimitado a partir das identidades dos indivíduos que o compõe, em um continuum de representações identitárias em constante negociação.

4. Considerações finais

O presente estudo objetivou demonstrar, através da análise dos dados, como as construções identitárias emergem através da interação discursiva, evidenciando a questão da identidade como um fenômeno cultural e social que é constituído e revelado através das trocas linguísticas. Nesse sentido, o modelo de análise proposto por Bucholtz & Hall (2003, 2005) serviu como suporte teórico e metodológico fundamental para contemplar as estratégias utilizadas durante o desdobrar das interações.

Entretanto, como apontado no início das discussões desse estudo, o tema compreende uma área de investigação que contempla diversas interfaces, permitindo, dessa maneira, uma visão mais abrangente do assunto.

A interpretação dos dados permitiu observar como o modelo de análise apresentado por Bucholtz & Hall possibilita identificar as

formas como os indivíduos se posicionam e constroem suas identidades e as de outros durante as interações. Partindo de um contexto mais abrangente, que tornou possível as trocas de mensagens através de um meio digital, outros contextos se reproduziram criando situações específicas para afirmações e rejeições de formas identitárias, antigas e atuais, sociais, individuais e coletivas.

Como foi possível observar, as primeiras trocas interacionais servem para o posicionamento dos membros em relação a si e ao “outro” dentro do contexto relacional e também para indexar as imagens identitárias do passado, em um nível mais subjetivo, além de possibilitar novas construções identitárias do presente, autenticadas pelos percursos narrativos que sugerem uma evolução social.

Na medida em que novos contextos de situação surgiam das interações, as identidades anunciadas e emergentes entram em negociação contribuindo para posicionamentos através dos processos de similaridade, diferença, autenticidade e poder, nos quais as Táticas de Intersubjetividade (adequação / distinção, autenticação / desnaturalização e autorização / ilegitimação) são evidenciadas durante as trocas linguísticas. Desse modo, as identidades emergem como relacionais e parciais, pois estão sempre em relação ao “outro” e em constante mudança no desenrolar da interação e através dos contextos discursivos (BUCHOLTZ & HALL, 2003, 2005).

Outro ponto notado na análise diz respeito à noção de coletividade embutida na ideia de grupo (SNOW, 2001). Em processos de distinção e semelhança, os membros do grupo estabelecem uma noção do “nós” e delimitam práticas que comportem uma “unidade” de propósitos e justificativas para a manutenção do grupo, tomando como base o que os define enquanto “iguais” e aquilo que define o conjunto de “outros”.

Esse breve trabalho pretende contribuir com os estudos sobre identidade, especialmente aqueles que consideram a identidade como constituída e emergente nas interações e, mais especificamente, como uma aplicação do modelo de análise proposto pelas linguistas Mary Bulcholtz e Kira Hall (2003, 2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Language and Identity. In Alessandro Duranti (Org.), *A companion to Linguistic Anthropology*. Oxford: Basil Blackwell, p. 268-294, 2003.

_____. Identity and Interaction: a SocialculturalOLinguistic Approach. *Discourse Studies*, 7 (4-5): 2005, p. 585-614, 2005.

COUPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam. Methods for studying language in society. In: _____. *Sociolinguistics: a Reader*. New York: St. Martin's Press, p. 69-162, 1997.

DE FINA, Anna. Identity as categorization. In: *Indentity in narrative: a study of immigrant discourse*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 139-179, 2003.

_____. Group Identity, narrative and self-representations. In: *Discourse and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 351-375, 2006.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. e colaboradores. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, [2003], 2006, p. 15-41.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística interacional*. Humanística. São Paulo: Loyola, [1979] 2002, p. 107-148.

HANKS, William F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bordieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

MOITA LOPES, Luiz P. *Identidades fragmentadas*. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 2002.

PEREIRA, Maria das Graças Dias. Introdução. In: *Palavra 8*. Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2002, p. 7-25.

SNOW, David A. *Collective Identity and Expressive Forms*. University of California, 2001. Paper 01'07. Disponível em: <<http://repositories.cdlib.org/csd/01-07>>.